

Aspectos da economia goiana no século XIX a partir da visão dos viajantes estrangeiros.

Tânia Maria de Maio LEITÃO – FH / UFG / CAPES - taniademaio@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria de Magalhães

Esta pesquisa é parte de um estudo sobre questões referentes ao abastecimento da província de Goiás no século XIX. O estudo das condições de abastecimento das várias regiões brasileiras à época colonial tem estado presente na historiografia e busca avaliar os níveis de controle e autonomia da colônia em relação à Metrópole portuguesa no que se refere à produção e comercialização de gêneros. Abastecer é prover do que é preciso, suprir as necessidades individuais ou coletivas, de modo que nada falte. (FERREIRA, 1986) As circunstâncias desse provimento envolvem a articulação entre as bases materiais de produção, os intercâmbios comerciais e as estratégias administrativas provenientes das autoridades governamentais.

A historiografia brasileira tradicionalmente pautou suas primeiras análises sobre o mercado colonial caracterizando-o como uma estrutura produtiva voltada para a exportação, inserida num contexto de acumulação de capitais realizado pelas potências européias da época. Na esfera do capitalismo de acumulação, Caio Prado Junior (2000) entendia que a exploração dos recursos naturais da colônia foi estruturada objetivando a transferência de riquezas para Portugal. Nesse sentido, a economia colonial era totalmente subordinada à metrópole e o mercado interno foi considerado insignificante. Celso Furtado (2004) considerava que a importância do mercado colonial assentava-se na estrutura da monocultura, latifúndio e escravidão. Para esses autores, a lógica do sistema colonial estabelecia-se a partir da transferência de riquezas da colônia para a metrópole e produção interna era pouco desenvolvida e voltada para a subsistência.

Considerando a colonização como instrumento de poder do Estado, destinada a auxiliar seu enriquecimento e fortalecimento por meio de mecanismos de submissão econômica e política, Fernando Novais (1984) cunhou o conceito de Antigo Sistema Colonial, que pretendia explicar a dinâmica das relações entre as metrópoles e suas colônias com base no exclusivo metropolitano. O exclusivo metropolitano estabelecia um pacto em que submetia a colônia a um acordo onde

cabia a metrópole a responsabilidade de proteger e garantir a ordem interna, ao passo que a colônia devia fornecer sua produção à metrópole, bem como consumir somente produtos comercializados por ela.

Análises pautadas nas idéias dos ciclos econômicos exportadores tornaram-se referência para o estudo da economia colonial, especialmente das regiões mineradoras, tomadas como exemplo da verdadeira vocação da economia brasileira. Todas essas abordagens desqualificam em maior ou menor grau a produção e o mercado interno da colônia, atribuindo-lhe pouca complexidade. Essas abordagens privilegiaram a idéia da produção interna voltada majoritariamente para o mercado externo.

Posteriormente, essas idéias serão reelaboradas por novas pesquisas que relativizam a dependência econômica da colônia brasileira.¹ Tais pesquisas, beneficiadas pela renovação do conceito de fontes e novas metodologias que permitiram o uso de variados registros documentais, favoreceram novas interpretações dando conta da existência de uma significativa produção agrícola para a subsistência e um mercado interno mais vigoroso do que se imaginava. As pesquisas mais avançadas sobre o período minerador no Brasil vêm da historiografia mineira. Essas interpretações empenham-se em desvincular-se das discussões teóricas adjacentes às antigas teorias sobre a grande lavoura e o pacto colonial.²

A necessidade de buscar compreender a complexidade da economia goiana no oitocentos levou a historiografia regional a estudar, por meio de uma gama variada de fontes, a diversidade da produção e do comércio no período colonial e imperial. Questões relativas ao abastecimento de gêneros alimentícios em Goiás

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. As concepções acerca do "Antigo Sistema Colonial"; a preocupação obsessiva com a "extração de excedente". In: José Roberto do Amaral. **Modos de produção e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1980. GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1978.

² SOUZA, L. M. **Desclassificados do ouro: A Pobreza Mineira no Século XVIII**. Rio de Janeiro: Graal, 1982; ZEMELA, M. P. **O Abastecimento da Capitania das Minas Gerais no Século XVIII**. São Paulo: HUCITEC, 1990; FURTADO, J. F. **Homens de Negócio: A interiorização da Metrópole e do Comércio das Minas Setecentistas**. São Paulo: HUCITEC, 1999; CHAVES, C. M. das G. **Perfeitos Negociantes: Mercadores das Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Dissertação, Mestrado em História/UFMG, 1995; MENESES, José Newton. **O Continente rústico: abastecimento alimentar na comarca do Serro Frio (1750-1810)**. Belo Horizonte, 1997. 228p. Dissertação de Mestrado/História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

durante o século XIX podem ser conhecidas parcialmente por meio de relatos sobre as atividades agropecuárias, preços dos produtos importados e exportados, relatórios dos governadores de províncias, correspondências e inventários post-mortem, documentos fiscais, entre outros, que informam sobre as condições de produção, circulação e consumo de alimentos na província. Também se podem inferir tais dados a partir dos relatos dos viajantes estrangeiros que estiveram na região no século XIX. Costumes do cotidiano, incluindo as práticas alimentares dos goianos, foram observados e descritos por alguns desses viajantes estrangeiros que se aventuraram pelo território da província no século XIX e deixaram suas impressões por meio de relatos sobre a paisagem, hábitos e aspectos do cotidiano de sua população.

As concepções de mundo desses viajantes, herdeiros da Ilustração e de uma mentalidade européia que os levou a enxergar o novo mundo com uma perspectiva eurocêntrica, fortemente inspirada nas idéias de progresso e civilização, fizeram com que eles avaliassem as condições de vida da população de Goiás com tons nada lisonjeiros, atribuindo a conjuntura econômica e social ao atraso e este, ao ócio, preguiça e desleixo de seus habitantes. (CORRÊA, 2001)

August de Saint-Hilaire (1975), John E. Pohl (1976), George Gardner (1975) e Castelnau (2000), entre outros, desconsideraram toda a conjuntura que envolvia as relações entre a metrópole portuguesa e sua colônia e atribuíram a pobreza a um estado de lassidão geral, que segundo eles, era característico da raça brasileira. Ao percorrerem algumas localidades da província, eles descreveram a alimentação, que consistia basicamente dos mesmos gêneros: arroz, mandioca ou milho, in natura e mais freqüentemente em forma de farinha, ovos, carne seca, quase nunca fresca, criações domésticas como: porcos, cabras, gansos, patos, perus, pombos, galinhas, feijão, fumo, aguardente, frutas e verduras, geralmente em pouca quantidade, além dos gêneros importados, como vinho, bacalhau e outros, mais comumente na mesa dos mais abastados.

Quando em movimento, os estrangeiros tinham acesso à carnes de caça, apanhadas pelos trabalhadores que os acompanhavam, de modo a terem um complemento à escassa alimentação e uma alternativa à vil carne seca que eles detestavam.

O comércio praticado na província, tanto entre as regiões quanto interprovincial não foi esquecido pelos viajantes. Todos dedicaram parte de seus

relatos à descrição dos produtos importados e exportados pela província e entre as regiões. Tecidos de seda, lã, linho e algodão, ferro, aço, instrumentos utilizados na agricultura e na exploração das minas, pólvora, chumbo sal, vinho, azeite, licores, louças, chá, chocolates, drogas medicinais entre outras, foram mercadorias importadas pela província, conforme relato de Castelnau (2000, p. 225) A produção provincial abarcava gado, couros, tecidos grosseiros de algodão, açúcar, fumo, aguardente, marmelada, arroz e é claro, a produção das explorações minerais. (POHL, 1975, p. 340)

O uso da escrita de tais viajantes como fonte histórica se realiza na medida em que se possam analisar aspectos como a grande heterogeneidade social e cultural dos viajantes, que traziam consigo seus próprios referenciais culturais e cujo olhar partia de outra realidade, a europeia. Dalísia Doles (1992) afirma que numa época de tamanho isolamento das povoações da província e dificuldades quanto à produção de registros históricos, a escrita dos viajantes constitui-se em importantes testemunhos que contribuem para o conhecimento dos ritmos de vida da população de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CHAUL, Nasr N. Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Ed. Da UFG, 1997.

D'ALINCOURT, Luiz. **Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

DOLES, Dalísia Elizabeth M. e NUNES, Heliane Prudente. **Memória da ocupação de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes europeus**. **Ciências Humanas em Revista: História**, 1993 (1/2), pp.71-118.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 33. ed. São Paulo: Nacional, 2004.

GARDNER, George. **Viagens no Brasil. Principalmente nas províncias do norte e nos Distritos de ouro e do diamante.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.

NOVAIS, Fernando A. O Brasil nos quadros do Antigo Sistema Colonial. In: Carlos Guilherme Mota. (org.) **Brasil em Perspectiva.** São Paulo: Difel, 1984.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense/Folha de São Paulo, 2000.

POHL, Johann Emmanuel. **Viagem ao interior do Brasil.** 2v. Rio de Janeiro: INL, 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás.** Belo Horizonte/SãoPaulo: Itatiaia/Edusp, 1975.